

Petrobras: entre fatos, relatos e argumentos legitimantes

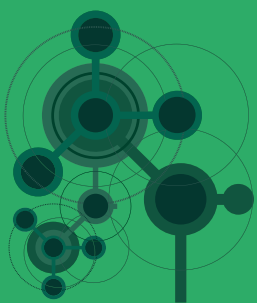
Petrobras: Among facts, reports and legitimating arguments

Petrobras: Entre hechos, narrativas y argumentos legitimadores



Larissa Conceição dos Santos

- Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa (Unipampa).
- Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Université Paris-Sorbonne (CELSA, Paris-Sorbonne).
- Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).
- Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa t3xto (Unipampa) e ao Laboratoire Gripic (Paris-Sorbonne).
- E-mail: larissa.conceicaos@gmail.com



Resumo

Este artigo apresenta um recorte analítico do livro *A questão do petróleo no Brasil: uma história da Petrobrás*, fundamentando-se metodologicamente nos métodos de macroanálise narrativa, para identificar o encadeamento dos fatos e o ordenamento lógico no processo de narrativização da história organizacional, análise das estratégias discursivas, a fim de compreender a maneira como a história e sua organização são representadas no discurso, e análise retórico-argumentativa, buscando evidenciar a construção argumentativa e identificar os elementos ou os temas legitimantes estrategicamente empregados.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL • NARRATIVA • HISTÓRIA • PETROBRAS.

Abstract

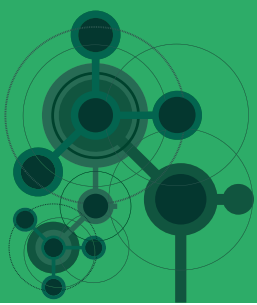
This article presents an analytical clipping of the book *A questão do Petróleo no Brasil: uma história da Petrobrás* (The oil industry in Brazil: a Petrobrás history), methodologically based on the methods of narrative macroanalysis to identify the chain of facts and the logical ordering in the narrative process of organizational history, analysis of discursive strategies to understand how history and its organization are represented in the discourse, and rhetorical-argumentative analysis to highlight the argumentative construction and identify the legitimizing elements or themes strategically employed.

KEYWORDS: ORGANIZATIONAL COMMUNICATION • NARRATIVE • HISTORY • PETROBRAS.

Resumen

Este artículo realiza un análisis del libro *A questão do petróleo no Brasil: uma história da Petrobrás* basándose en el macroanálisis narrativo para identificar el encadenamiento de los hechos y el orden lógico en el proceso narrativo de la historia organizacional; el análisis de estrategias discursivas para comprender cómo se representan la historia y la organización en el discurso; y el análisis retórico-argumentativo, con el fin de buscar la construcción argumentativa e identificar los elementos/temas legitimadores estratégicamente empleados.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN ORGANIZACIONAL • NARRATIVA • HISTORIA • PETROBRAS.



INTRODUÇÃO

Fundada a partir de um interesse coletivo e nacional, a companhia petrolífera Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras) é símbolo da busca brasileira pela independência econômica no setor energético e, de certa forma, da oposição à exploração estrangeira das fontes nacionais de petróleo e derivados. Atualmente, a empresa é referência internacional na exploração de petróleo e derivados, especialmente em águas profundas.

A Petrobras é considerada uma das maiores organizações do setor energético – petróleo, gás natural etc. Sua origem remete aos movimentos populares e nacionalistas de meados dos anos 1940 no Brasil, como a campanha “O petróleo é nosso”¹ (1947-1953), e ao estabelecimento do monopólio estatal do petróleo pelo então presidente Getúlio Vargas, que, por meio da Lei nº2004, de 3 de outubro de 1953, funda a Petrobras.

A escolha da Petrobras como objeto de análise comunicacional se justifica visto que se trata de uma organização emblemática, um símbolo nacional e, portanto, representa a narrativa da história organizacional que se pretende abordar neste artigo. Ademais, a empresa está inserida no imaginário do Brasil, pois, segundo a historiadora Miriam Collares Figueiredo (2009), “quando falamos de Memória da Petrobras, devemos nos lembrar que estamos falando da memória de uma empresa estatal cuja trajetória está profundamente ligada à história do Brasil, desde os anos de 1950, e ao imaginário do país” (p.43).

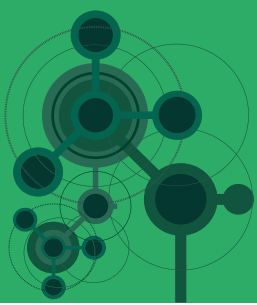
Neste contexto, a Petrobras desenvolve, com o apoio e a realização de sua área de comunicação, publicações de cunho histórico, memorialístico e promocional, além de projetos e programas específicos dedicados à preservação e difusão de sua história, como o programa “Memória Petrobras”. Dentre as várias obras organizadas pela empresa, 36 publicações impressas são dedicadas à memória da Petrobras (Retroz, 2015), das quais se destaca o livro *A questão do Petróleo no Brasil: uma história da Petrobrás*, de Dias e Quaglino (1993), que apresenta as informações coletadas entre 1987 e 1990 pelo projeto “Memória do setor petrolífero brasileiro: a história da Petrobrás”, estabelecido entre o Serviço de Comunicação Social da Petrobras (Sercom) e o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV).

Na visão de Retroz (2015), o livro de Dias e Quaglino (1993) é uma referência para a elaboração de outras obras sobre a história da petrolífera brasileira:

É possível perceber nas bibliografias que os livros recorreram, no trabalho de pesquisa, aos outros livros de memória publicados pela companhia. O livro realizado pelo CPDOC/FGV, *A questão do petróleo no Brasil: uma história da Petrobras*, consta em todas as bibliografias, o que revela que se trata de importante referência bibliográfica para a produção dos novos livros da Petrobras sobre sua história, talvez por se tratar de um livro legitimado pelo nome de uma instituição de referência em pesquisa. (Retroz, 2015, p.117)

Assim, considerando a importância desta obra e sua classificação como o marco inicial das publicações histórico-organizacionais da Petrobras, bem como seu papel no investimento em projetos e programas de memória organizacional (Figueiredo, 2009; Retroz, 2015), esta pesquisa se dedica à análise das estratégias comunicacionais – narrativas, retórico-argumentativas e discursivas – a partir do entendimento das organizações como espaços de ação, representação e expressão através da

¹ Grande campanha de teor “patriótico-nacionalista” que, inicialmente, foi organizada e comandada pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo com o apoio de movimentos populares, frentes estudantis, a União Nacional dos Estudantes (UNE) e partidos políticos. Porém, a campanha foi fortemente conduzida por militares conservadores e nacionalistas (Miranda, 1983).



linguagem, da construção de sentido organizacional (Baldissera, 2010), da produção e circulação de narrativas (D'Almeida, 2001) ou da produção discursiva (Fairhurst; Putnam, 2010) e ideológica (Halliday, 1987).

Dentre as perspectivas da comunicação organizacional (CO) adotadas nesta pesquisa, salientam-se, em especial, os estudos da linguagem com foco na corrente narratológica (D'Almeida, 2006), a narrativa das organizações (Giroux; Marroquin, 2005) e a teoria narrativa pós-moderna (Currie, 1998), esta considerada por Collado (2001) e Scroferneker (2006) como uma das linhas que influenciaram as teorias e as investigações em CO e que deram origem à abordagem narrativa da comunicação organizacional (Santos; D'Almeida, 2017).

Assim, apresenta-se um recorte da análise empreendida face às publicações históricas da Petrobras, tendo como objeto analítico, especificamente, o livro *A questão do petróleo no Brasil*. Para tanto, no que diz respeito ao percurso metodológico, procedeu-se com uma macroanálise narrativa, buscando identificar o encadeamento dos fatos e o ordenamento lógico que compõem o processo de narrativização da história organizacional. Posteriormente, foram analisadas as estratégias de construção discursiva que permitiram compreender a maneira como a história organizacional é relatada e como a organização é representada no discurso. Em um terceiro momento, empreendeu-se uma análise retórico-argumentativa com o intento de evidenciar uma construção argumentativa (Amossy, 2014) que legitima a história organizacional e, em especial, identifica os elementos ou temas legitimantes adotados (Halliday, 1987).

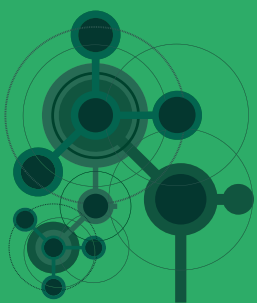
Como resultado, foram observadas inconsistências entre o ser, o fazer e o dizer organizacional. Sendo a linguagem o prisma pelo qual observamos a comunicação organizacional da Petrobras e a história e memória como objetos analíticos, foi possível revelar a maneira como a companhia se apoia nos elementos do passado e de sua trajetória, bem como na história nacional, para construir uma narrativa oficial capaz de validar sua existência, seus feitos e seus atos perante a sociedade. Para isso, a Petrobras recorre a argumentos legitimantes, aos relatos parciais e, muitas vezes, omite a relação da realidade – como crises e fatos controversos – com os eventos narrados por meio do silenciamento de vozes e de falas estrategicamente autorizadas.

A HISTÓRIA DA PETROBRAS COMO “MEMÓRIA DO SETOR PETROLÍFERO BRASILEIRO”

A questão do petróleo no Brasil: uma história da Petrobrás foi publicada em 1993, por ocasião dos 40 anos da Petrobras. Neste sentido, pode ser considerada uma publicação comemorativa, mas a obra também representa um marco a respeito da origem de projetos e programas ligados ao resgate, à preservação e à narrativização da história da companhia. Destacam-se, dentre os elementos pré-textuais, a *apresentação* formal da obra pelo então presidente da Petrobras Joel Mendes Rennó, o *prefácio*, por Haroldo Ramos da Silva, engenheiro da empresa, e a *introdução*, por Ângela de Castro Gomes, coordenadora do setor de história oral do CPDOC-FGV.

Observa-se também, na escolha dos autores, uma preferência pela cientificidade, isto é, pela escrita da história por dois especialistas em História. A obra é assinada por Maria Ana Quaglino, historiadora especialista em História Contemporânea que integrou o CPDOC-FGV e participou, entre 1986 e 1991, do projeto “Memória da Petrobras”, e por José Luciano de Mattos Dias, cientista político, pesquisador nas áreas de História das Organizações Estatais e História Contemporânea do Brasil e integrante da Fundação Getúlio Vargas à época do projeto.

Cada elemento do livro merece, portanto, atenção especial, tanto pelo seu conteúdo quanto pela posição e importância que ocupa na obra. A *apresentação* e o *prefácio* simbolizam a dimensão institucional do livro, pois a fala do presidente da Petrobras apresenta e anuncia uma minuciosa investigação histórica realizada pelos pesquisadores para a composição do



livro, bem como o respaldo de um especialista, engenheiro de exploração e representante da força operária reforça e legitima a publicação. Assim, justifica-se a “existência do monopólio e da atuação da Petrobrás, no momento em que tais assuntos estão em pauta para reavaliação” (Silva, 1993, p.vii).

Nesse sentido, sofrendo de legitimidade questionada (Halliday, 1987), a organização prepara uma obra que possa, ao mesmo tempo, restituir a trajetória organizacional e mostrar sua participação na história do setor petrolífero e, conseqüentemente, na história nacional.

Apresentação geral e organização da obra

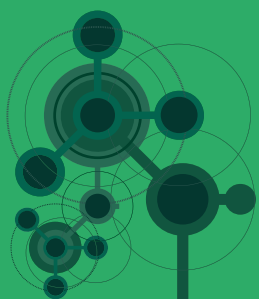
Na introdução é evidenciado o trabalho conjunto do CPDOC-FGV e do Sercom na condução do projeto “Memória do Petróleo” e na preparação do livro, cujo público-alvo é caracterizado como um universo amplo “de leitores, identificados como estudantes e interessados no assunto” (Gomes, 1993, p.x), para o qual a obra teve que adaptar seu conteúdo e forma de apresentação. Dos objetivos da obra, é destacada a recomposição da trajetória do setor petrolífero brasileiro, tendo como marco central a criação da Petrobras.

As bases fundamentais para a compreensão da história organizacional da Petrobras são apresentadas desde as primeiras iniciativas ligadas – direta ou indiretamente – à extração de petróleo no Brasil, passando pelo surgimento e descobrimento das primeiras minas, até a descoberta de jazidas e a conseqüente exploração de petróleo e outros minerais. Ademais, são abordadas as diferentes fases do Brasil, do Império à República e as campanhas nacionalistas – “O petróleo é nosso” – para o refino, comercialização e exportação do petróleo.

A obra ressalta a ação popular, isto é, a interferência da sociedade na formação da companhia, por meio das demandas da campanha “O petróleo é nosso”, mas também busca ressaltar o papel da Petrobras no desenvolvimento econômico do país, uma vez que houve um esforço protecionista de “salvar” o Brasil das possíveis ameaças internacionais, personificadas pela presença e exploração de terras brasileiras por empresas multinacionais. Nesse sentido, desde o princípio, a origem e a existência da companhia são narradas como benéficas, impedindo ou freando a atuação de empresas estrangeiras, uma vez que isso representava uma “entrega do país”. Da mesma forma, a configuração estatal da Petrobras é justificada como uma solução – ou a alternativa que restava – para as debilidades econômicas nacionais e as controvérsias ligadas aos financiamentos privados.

Conforme salientam Dias e Quaglino (1993, p.167), “a estrutura da empresa tinha, na verdade, uma importância menor diante da necessidade de um absoluto monopólio da União”. Os termos “necessidade” e “absoluto” reforçam e atestam a constituição da empresa, isto é, justificam sua existência e função social por meio de uma narrativa acadêmica nutrida não só por elementos históricos, mas também validada por pesquisadores especialistas.

A narração da história organizacional se apoia constantemente em elementos da história nacional, em um jogo de dupla influência. Importantes decisões da companhia, estratégias de reestruturação e políticas internas são justificadas em função do cenário político e econômico vigente. Como é, desde sua fundação, uma organização submetida ao controle do Estado, a Petrobras se vê afetada pelas mudanças de governos e pelos interesses políticos a eles atrelados.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Estrutura narrativa da obra: a questão do petróleo no Brasil

No que diz respeito à configuração narrativa, observa-se que a obra está organizada em quatro partes principais:

1º momento narrativo: bases e o nascimento da empresa

A primeira etapa da narrativa, dedicada ao relato do cenário brasileiro antes da fundação da Petrobras, compreende os quatro primeiros capítulos do livro de Dias e Quaglino (1993). Logo, metade da obra é dedicada a narrar os antecedentes, o panorama e as condições políticas, econômicas e sociais que possibilitaram o surgimento da Petrobras.

A narrativa do nascimento da empresa merece destaque, pois todos os antecedentes apresentados anteriormente davam conta de ilustrar o cenário em que a empresa foi fundada. Assim, destaca-se em tal narrativa uma argumentação baseada na “necessidade” de independência do Brasil em relação às empresas estrangeiras, a crença na existência de petróleo no Brasil e, conseqüentemente, a tão almejada autossuficiência energética. Todos esses ingredientes se combinaram para que a criação da Petrobras fosse a resposta do governo federal a uma exigência econômica e social, representada pela campanha “O petróleo é nosso”.

2º momento narrativo: relato da exploração do petróleo

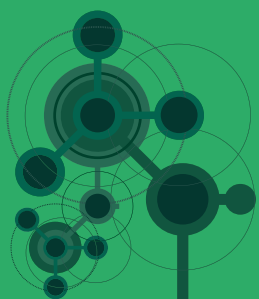
Na segunda parte, são relatadas as primeiras descobertas, as explorações de petróleo pela companhia, as principais decisões, a criação de departamentos, a qualificação de pessoal e a estruturação da empresa. Mas, com o crescimento da Petrobras, surgiram também as adversidades. São narradas as dificuldades iniciais relativas ao descrédito com relação ao potencial petrolífero brasileiro, questionamentos sobre a política de exploração e a capacidade da companhia, denúncias de corrupção, a greve operária de 1962 e a conseqüente redução da produção e, ainda, as mudanças decorrentes do golpe militar de 1964. No entanto, é importante destacar que alguns períodos críticos, como a crise petroleira de 1973, que se estendeu até 1974, impactaram diretamente a economia mundial e, mais gravemente, as empresas ligadas a este setor, mas são narrados muito brevemente, merecendo apenas um pequeno parágrafo sintético.

3º momento narrativo: relato do comércio e refino de petróleo

Nesta etapa da narrativa, são relatados os avanços na área de refino de petróleo desde o surgimento da Petrobras na década de 1950 até o reconhecimento da empresa perante as concorrentes estrangeiras, os investimentos no setor petroquímico e a consolidação da empresa na distribuição de petróleo e derivados a partir da criação da Petrobras Distribuidora, em 1971, futura BR Distribuidora.

4º momento narrativo: relato da estruturação organizacional

O desfecho da obra de Dias e Quaglino (1993) é marcado pela narrativa da organização global da Petrobras, desde a fundação da empresa até suas dificuldades em conciliar uma política empresarial com uma política nacional que buscava, entre outras coisas, a autossuficiência energética. São destacadas as formas estruturais adotadas pela companhia e as mudanças que ocorreram ao longo dos anos como forma de equilibrar os ideais nacionalistas e as metas expansionistas. Narram-se também as transformações estruturais e administrativas às quais a Petrobras foi submetida ao longo de sua trajetória, apoiadas constantemente no contexto das mudanças políticas nacionais. A história da Petrobras, neste aspecto, é marcada pela instabilidade e pelas mudanças nas políticas nacionais, que influenciaram diretamente a governança e as decisões empresariais.



O quadro-síntese (Quadro1) explicita a estrutura editorial da obra – divisão de capítulos e seções –, as etapas narrativas e a dimensão argumentativa a elas relacionadas:

Quadro 1: Organização narrativa do livro *A questão do petróleo no Brasil*

ESTRUTURAÇÃO DO LIVRO	DIMENSÃO NARRATIVA	DIMENSÃO ARGUMENTATIVA
1. Um difícil petróleo: a exploração antes da Petrobrás	BASES FUNDADORAS: cenário político, econômico e social	Panorama do setor petrolífero antes da Petrobras. Enfatiza e justifica a necessidade de criação da empresa.
2. Economia exportadora e o mercado de derivados de petróleo		
3. O refino sob o comando do Conselho Nacional de Petróleo		
4. O petróleo é nosso: a memorável campanha		
5. Petrobrás: a exploração de petróleo	NARRATIVA DA EXPLORAÇÃO	Destaca as descobertas de fontes de petróleo e exalta a atuação da Petrobras em sua exploração.
6. A Petrobrás no comércio e no refino de petróleo	NARRATIVA DO COMÉRCIO E REFINO	Mostra a relevância da atuação da Petrobras no refino e na comercialização de petróleo.
7. Petrobras: organização e subsidiárias	NARRATIVA DA ESTRUTURAÇÃO ORGANIZACIONAL	Ressalta o crescimento da empresa, a ampliação de seus domínios e o reconhecimento mundial.

Fonte: elaborado pela autora.

A narrativa da história da Petrobras está organizada de maneira bastante particular. Os autores enfatizam consideravelmente os antecedentes da criação da empresa, constituindo, assim, um cenário para que a história da companhia seja narrada. O período posterior à fundação da Petrobras é narrado a partir de certos eixos temáticos, correspondendo às áreas de atuação da empresa e, no caso da última parte do livro, o relato da estruturação da empresa.

A narrativa não é apresentada de forma unilinear, cronológica e evolutiva, mas sim como um relato parcelar, tematizado e organizado de maneira estruturada e coerente com o interior de cada grande momento narrativo. Nos quatro primeiros capítulos da obra são relatadas as bases do desenvolvimento do setor petrolífero no Brasil, as origens da comercialização de petróleo, os usos e empregos de seus derivados, as condições políticas dos anos iniciais da exploração de petróleo e a criação do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), constituindo um panorama do setor antes da criação da Petrobras. A primeira parte, relacionada às bases fundadoras, encerra-se com uma narrativa do projeto de lei que propunha a criação da Petrobras. A evolução temporal abrange desde o Brasil Império até a fundação da empresa na década de 1950, em uma narrativa sequencial.

Os capítulos subsequentes seguiram seu próprio ordenamento temporal. Tendo como ponto de partida o surgimento da empresa, os autores resgatam a história, até o início dos anos 1990, da exploração de petróleo realizada pela Petrobras, do refino e do comércio que esta conduziu e, finalmente, da sua organização e configuração estrutural por meio de diferentes subsidiárias.

Percebe-se, com isso, a construção de uma narrativa da história do setor petrolífero, em que a narrativa da história da Petrobras é integrada. No interior dessa *metanarrativa*, são incluídas micronarrativas da trajetória das atividades-fim – extração, refino e comércio – realizadas pela Petrobras.

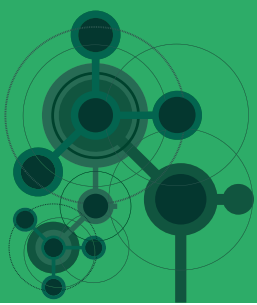


Figura 1: Imbricação de histórias e seus diferentes níveis narrativos



Fonte: elaborado pela autora.

A narrativa histórico-organizacional é destacada como referência, pois em seu interior se situam as micronarrativas pessoais-individuais, bem como a narrativa de produtos, serviços e modos de produção. A narrativa organizacional está contida na narrativa da história do setor e no seio da macronarrativa da história nacional. Da mesma forma, encontra-se na narrativa histórico-organizacional uma micronarrativa das políticas governamentais sobre a indústria do petróleo no Brasil, as posturas e os posicionamentos adotados pelos governos e a maneira como estes afetaram diretamente a história da companhia.

Dedicam-se importantes espaços, ao longo da narrativa, para destacar as medidas políticas, os planos e as estratégias governamentais que caracterizaram cada período da história do Brasil e, ainda, a postura adotada por seus governantes em relação à temática do petróleo com a fundação da Petrobras. A micronarrativa da história política nacional, traçada no interior da narrativa histórico-organizacional, situa a trajetória da Petrobras cronologicamente ao longo do tempo, mas a insere especialmente na história nacional, influenciando-a e, em contraponto, sendo por ela influenciada.

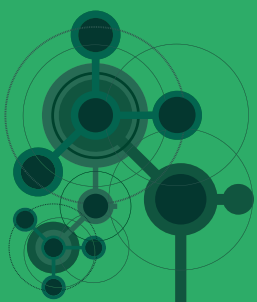
Dimensão discursiva e argumentativa

A análise da dimensão discursiva permite identificar as escolhas e as estratégias por meio das quais a narrativa consolida um discurso acerca da Petrobras e de sua história, possibilitando entender como os autores organizaram discursivamente o relato e buscaram destacar, omitir e salientar certos aspectos ou personagens da trajetória organizacional.

Observa-se, primeiramente, na obra de Dias e Quaglino (1993), a adoção da terceira pessoa discursiva, ou efeito-sujeito (Indursky, 1992), que remete ao distanciamento dos locutores, e o uso sistemático da terceira pessoa do singular (Indursky, 1992) – a empresa, o presidente, a Petrobras – produzindo um efeito de objetivação.

Salienta-se, ainda, junto ao relato no passado, o uso da voz passiva, que facilita a omissão dos narradores e dá ênfase nos objetos e eventos relatados, como se a narrativa se autoprojetasse a partir dos fatos. Para Adam (2005), o emprego de construções passivas permite colocar em foco as consequências em detrimento das causas. Logo, o agente da ação é “apagado” e, com isso, isento da responsabilidade sobre os fatos; em seu lugar, são evidenciados os resultados das ações narradas.

A introdução de vozes ou enunciadores externos como testemunhos dos acontecimentos não é recorrente, mas os autores fornecem fontes acadêmicas e menções autorais. Observa-se a referência indireta à opinião de trabalhadores da companhia, sem nomeá-los ou convocá-los diretamente no discurso: “A greve de 1962 na Bahia chegou a afetar a produção e, *segundo*



vários técnicos, terminou por comprometer a autoridade administrativa na região" (Dias; Quaglino, 1993, p.121, grifo nosso). Dessa forma, fica explícito que foram coletados depoimentos de membros da companhia para que servissem como fontes para a elaboração da obra. Subentende-se que os "vários técnicos" devem compor o escopo de testemunhos da história da Petrobras, sem, no entanto, tornarem-se personagens reconhecidos, "nominativamente", na narrativa de Dias e Quaglino (1993).

A postura adotada pelos autores remete ao cientificismo das publicações acadêmicas, ambicionando, com isso, uma narrativa científica da história organizacional. Porém, se a intenção dos autores se voltava à neutralidade e à objetividade acadêmicas, o uso exacerbado de qualificativos, as construções afirmativas e os julgamentos evidenciados na obra revelam suas ideologias. As marcas discursivas, como o posicionamento dos sujeitos, podem indicar ou sugerir uma pretensa objetividade ou neutralidade da narrativa, mas um exame mais aprofundado das estratégias empregadas revela que a impessoalidade – dos sujeitos locutores – não remete à imparcialidade. Os locutores, neste sentido, tomam partido com relação aos fatos relatados, posicionando-se a favor ou contra e revelando suas tendências por meio do uso de qualificativos, advérbios de modo ou de afirmação e indicando avaliações ou reforçando opiniões: "O surgimento da Petrobrás alterou *profundamente* os perfis tanto do setor comercial quanto do setor de refino" (Dias; Quaglino, 1993, p.146, grifo nosso).

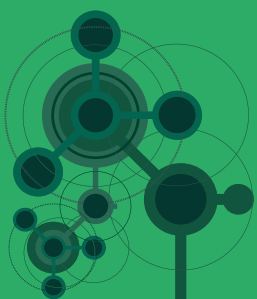
Com relação aos contratos de risco para a exploração do petróleo por empresas externas – privadas, nacionais e estrangeiras –, estabelecidos pela estatal, Dias e Quaglino (1993) tecem a seguinte avaliação: "a Petrobrás demonstrara *razoável* capacidade de investimento, desenvolvera tecnologia e aumentava a produção. A existência do contrato era *simplesmente* mais um ato *injustificável* da ditadura" (Dias; Quaglino, 1993, p.133, grifo nosso). Com isso, os autores expressam não apenas suas opiniões em relação à política de abertura, desnecessária diante do aumento de produção que evidenciam os autores, mas, sobretudo, posicionam-se contrários às ações do regime militar.

Com relação à fundação da estatal, são destacadas, na narrativa de Dias e Quaglino (1993), as mobilizações populares e as pressões partidárias e por parte de certos grupamentos militares, cujos ideais nacionalistas e protecionistas foram considerados cruciais na decisão pela criação da Petrobras:

Horta Barbosa retomava as ideias já formuladas nos anos 30, insistindo na importância do setor petróleo para um desenvolvimento econômico cujo ritmo, forma e distribuição de benefícios deveriam estar sob o controle da nação. Destacando o papel agressivo e espoliativo das companhias multinacionais e o caráter de monopólio natural da indústria de petróleo, apontava como única alternativa válida a intervenção direta do Estado. (Dias; Quaglino, 1993, p.93)

A passagem remete à fala do General Horta Barbosa, militar defensor do monopólio estatal do petróleo e um dos personagens centrais da campanha "O petróleo é nosso". Neste trecho, observam-se os principais argumentos que justificaram o surgimento da Petrobras: 1. a importância do petróleo na economia brasileira; 2. a ameaça representada pelas empresas estrangeiras; 3. a necessidade de controle nacional (estatal) do setor petrolífero. Esses três argumentos não apenas serviram de bandeira às campanhas nacionalistas, mas também, igualmente, formam os pilares e os antecedentes que justificam a própria existência da companhia, constituindo os elementos para a construção do mito fundador (Chauí, 2001) da Petrobras.

Com relação à fundação da Petrobras, relatam-se as mobilizações sociais, militares, estudantis e políticas que, desde 1947, discutem a nacionalização do setor petrolífero e pressionam o governo a centralizar e controlar as atividades ligadas a esse setor. A narrativa dos movimentos populares, bem como de palestras, conferências e marchas, reforça o mito fundador de uma "empresa popular", originada a partir do clamor e das exigências da sociedade. A narrativa da criação da Petrobras remete, portanto, a uma série de negociações políticas, reivindicações sociais e tramitações de projetos que culminaram na fundação simbólica da empresa, representada pelo projeto assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, em 3 de outubro de 1953.



Salienta-se o uso de uma linguagem técnica, sobretudo no relato da exploração e do refino de petróleo, como forma de atestar conhecimento sobre o campo; porém, não de forma dominante, equilibrando o uso de termos acadêmicos e da linguagem formal. Observa-se, com isso, a construção de uma narrativa técnico-acadêmica que, mediante uma estratégia discursiva de emprego de linguagem especializada, busca se legitimar linguisticamente (Martín Rojo, 2005).

Outra estratégia de legitimação diz respeito à validação das ações empresariais como decisões corretas e necessárias. Trata-se de uma estratégia de legitimação pragmática (Martín Rojo, 2005) em que uma situação “X” é apresentada como problemática, cuja única solução é a ação “Z”. Assim, as práticas e decisões empresariais são justificadas como atos “necessários” para atender ao consumo de petróleo nacional.

Segundo a narrativa de Dias e Quaglino (1993, p.167), “não restava assim outra alternativa senão o estabelecimento do monopólio estatal”, independentemente da sua forma ou estrutura de constituição, pois estas eram consideradas preocupações menores diante da “necessidade de um absoluto monopólio da União” (p.167). Novamente, o argumento da “necessidade” é empregado. Assim, na narrativa, a criação da Petrobras e de suas subsidiárias e distribuidoras é uma resposta às diversas necessidades enfrentadas pela sociedade brasileira:

A Reduc [Refinaria Duque de Caxias] foi a primeira refinaria construída pela Petrobrás, e seu projeto trouxe para o Brasil o processo de fracionamento de petróleo mais moderno existente – o craqueamento catalítico –, que produz em maior quantidade e qualidade derivados médios e leves, tão prioritário na estrutura de consumo do país até hoje. (Dias; Quaglino, 1993, p.159)

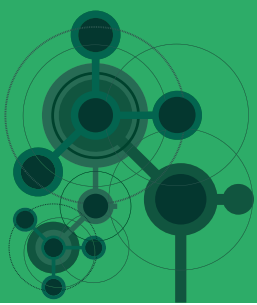
A evocação de uma pretensa “necessidade” remete ao argumento legitimante de “utilidade” destacado por Halliday (1987), que busca evidenciar a contribuição da empresa na solução de problemas e no atendimento às exigências da sociedade. No trecho destacado, a criação da primeira refinaria da Petrobras, que possibilita a entrada da empresa no setor de refino, é responsável pela modernização do processo de tratamento do petróleo no Brasil e, ainda, pelo atendimento de uma “prioridade” da sociedade brasileira: o consumo de derivados de petróleo.

As análises empreendidas revelam as estratégias discursivas e argumentativas pelas quais os autores buscam validar e legitimar a organização com base em sua trajetória. A ênfase a episódios como o da descoberta da bacia de Campos é utilizada como argumento legitimante de “transcendência” (Halliday, 1987), elevando a empresa ao status de *salvadora do país* no que tange ao fornecimento de petróleo. Assim, a argumentação tem por intuito mostrar que, através da descoberta e da exploração de petróleo, a empresa não apenas cumpre seus objetivos de prestar serviços à sociedade e fornecer petróleo, mas também resolve um problema nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Dias e Quaglino (1993) é um marco na origem de projetos e programas ligados não apenas ao resgate e à preservação, mas também à narrativização da história da Petrobras. Porém, na atualidade, torna-se fundamental refletir: se antes a comunicação estratégica da petrolífera brasileira era baseada em uma narrativa memorial repleta de histórias bem sucedidas – de conquistas no setor energético e declarações emocionais de seus trabalhadores –, atualmente a organização se perde entre a omissão de seus escândalos, a desintegração do programa “Memória Petrobras”, por exemplo, e o apagamento das histórias de vida dos seus trabalhadores em uma tentativa de tirar sua imagem pública de corrupção sistêmica como um problema ético-moral da corporação.

A história da Petrobras é narrada por Dias e Quaglino (1993) de forma estratégica e, por vezes, parcial, já que os relatos de episódios críticos, como os derramamentos de petróleo em águas brasileiras, que ocasionaram verdadeiras catástrofes



ambientais (Santos; D'Almeida; Peliz, 2012), foram sistematicamente omitidos, assim como as manifestações sindicais, greves e protestos envolvendo seus trabalhadores. Estes últimos, a propósito, não fazem parte da obra a não ser pela sua menção ou consulta a executivos do alto escalão da petrolífera, evidenciando, novamente, uma estratégia seletiva na escolha de fatos, eventos e dos personagens autorizados a participar ou ter voz nesta narrativa oficial.

A mesma percepção é compartilhada por Retroz (2015), que analisa diferentes livros institucionais sobre a história da Petrobras. De acordo com o historiador, os períodos de crises e episódios controversos, ainda que evocados parcialmente, têm por intuito não o esclarecimento dos fatos, mas a validação da superação empresarial e a demonstração da fortaleza, das lições aprendidas e das melhorias implementadas pela companhia após enfrentar tais dificuldades. Retroz (2015) credita a ausência ou irrelevância na abordagem dos incidentes traumáticos à metodologia adotada na elaboração da obra, em especial no que tange ao uso de testemunhos orais.

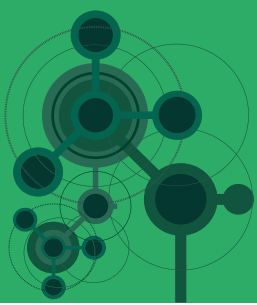
Merece destaque, neste sentido, a referência na introdução da obra à coleta de depoimentos entre funcionários da companhia como fontes para a elaboração do livro. Se, por um lado, os autores declaram que certos testemunhos foram reunidos para a recomposição da história da Petrobras, por outro, não revelam explicitamente as identidades dos entrevistados ao longo da narrativa, cujas vozes não são destacadas e não transparecem diretamente na obra. Da mesma forma, ao privilegiar apenas os depoimentos de funcionários que integraram o alto escalão da Petrobras – diretores, presidentes etc. –, focaliza-se apenas um ângulo, valoriza-se somente a versão da história contada pelos dirigentes empresariais, silenciando a voz dos atores que integravam os níveis organizacionais mais baixos.

Os autores trataram de reforçar o êxito da organização – lucratividade – e sua contribuição para o Brasil e para a sociedade – autossuficiência energética –, atribuindo as possíveis falhas ou dificuldades enfrentadas pela Petrobras às transformações políticas e governamentais, além das intervenções e limitações impostas pela União. As ações ou os fatos marcantes ao longo da trajetória da companhia são recapitulados a fim de serem, novamente, respaldados ou justificados como decisões corretas e necessárias, isto desde a fundação da empresa como estatal e sua inserção no setor de refino, comércio e de internacionalização. Assim, o livro analisado simboliza o início de um trabalho historiográfico da Petrobras, que se materializou em 2001, criando projetos e programas de memória, coleta, registro e publicação de obras que buscam contar a trajetória da organização sob diferentes óticas e períodos históricos.

Dada a importância da obra *A questão do petróleo no Brasil: uma história da Petrobras* como registro, documento e publicação empresarial, sua leitura desperta importantes reflexões sobre a responsabilidade histórica (Nassar, 2006; Worcman, 2004) da companhia com relação a seu dizer e fazer, isto é, a coerência e a transparência desta na construção de um relato que seja coerente com as práticas organizacionais, mas, além disso, fidedigno diante dos acontecimentos históricos para que a história contada não seja apenas *retrospectiva*, mas, acima disso, *interpretativa*, buscando entender os fatos para deles tirar um aprendizado, uma reflexão, ou seja, esclarecer o sentido.

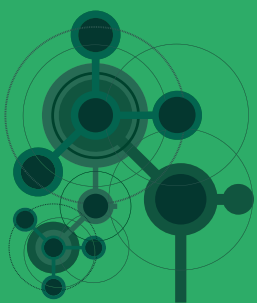
Nesse sentido, restam as perguntas: a longo prazo, como a Petrobras contará sua história? Quais narrativas serão privilegiadas e quem será convidado a contá-las? E, se toda narrativa tem uma moral, como a história da petrolífera refletirá o aprendizado dos erros e fracassos do passado?

Finalmente, espera-se que, de maneira geral, as análises empregadas neste artigo contribuam para o estudo da comunicação organizacional e das organizações a partir da linguagem, e, de maneira específica, suscite a reflexão acerca das questões éticas da Petrobras e as implicações de uma estratégia comunicativa que coloca notadamente a narrativa histórico-organizacional a serviço da promoção empresarial, não da transparência ou do estabelecimento de relações de confiança com a sociedade.



REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. *La linguistique textuelle: introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin, 2005.
- AMOSSY, Ruth. *La présentation de soi: ethos et identité verbale*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.
- BALDISSERA, Rudimar. Organizações como complexus de diálogos, subjetividades e significação. *In: KUNSCH, Margarida M. K. (org.). A comunicação como fator de humanização das organizações*. São Caetano do Sul: Difusão, 2010. p.61-76.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.
- COLLADO, Carlos Fernández. *La comunicación humana en el mundo contemporáneo*. Ciudad de México: McGraw-Hill Interamericana, 2001.
- CURRIE, Mark. *Postmodern narrative theory*. London: Palgrave MacMillan, 1998.
- D'ALMEIDA, Nicole. La perspective narratologique en organisations. *In: BROISE, Patrice de la; LAMARCHE, Thomas (ed.). Responsabilité sociale: vers une nouvelle communication des entreprises?* Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2006. p.27-39.
- D'ALMEIDA, Nicole. *Les promesses de la communication*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.
- DIAS, José Luciano M.; QUAGLINO, Maria Ana. *A questão do petróleo no Brasil: uma história da Petrobras*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1993.
- FAIRHURST, Gail; PUTNAM, Linda. As organizações como construções discursivas. *In: MARCHIORI, Marlene (org.). Comunicação e organização: reflexões, processos e práticas*. São Caetano do Sul: Difusão, 2010. p.103-148.
- FIGUEIREDO, Miriam Collares. *Da memória dos trabalhadores à memória Petrobras: a história de um projeto*. 2009. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2009.
- GIROUX, Nicole; MARROQUIN, Lissette. L'approche narrative des organisations. *Revue Française de Gestion*, Paris, v.31, n.159, p.15-44, 2005. doi: <https://doi.org/10.3166/rfg.159.15-44>.
- GOMES, Angela de Castro. Apresentação. *In: DIAS, José Luciano M.; QUAGLINO, Maria Ana. A questão do petróleo no Brasil: uma história da Petrobras*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1993. p.viii-xv.
- HALLIDAY, Tereza Lúcia. *A retórica das multinacionais: a legitimação das organizações pela palavra*. São Paulo: Summus, 1987.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira (1964-1984)*. 1992. Tese (Doutorado em Ciências) – Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- MARTÍN ROJO, Luisa. A fronteira interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre "racismo". *In: ÍÑIGUEZ, Lupicínio (coord.). Manual de análise do discurso em ciências sociais*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p.206-257.



MIRANDA, Maria Augusta T. *O petróleo é nosso: a luta conta o "entreguismo", pelo monopólio estatal*. Petrópolis: Vozes, 1983.

NASSAR, Paulo. *Relações públicas e história empresarial no Brasil: estudo de uma nova abrangência para o campo das relações públicas*. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RETROZ, Sergio Ricardo. *Memória impressa: os livros da Petrobras sobre sua história*. 2015. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Larissa C.; D'ALMEIDA, Nicole. Narrativa e comunicação organizacional. *Organicom*, São Paulo, v.14, n.26, p.290-301, 2017. doi:<https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2017.139374>.

SANTOS, Larissa C.; D'ALMEIDA, Nicole; PELIZ, Ana Carolina L. Risco ambiental e repercussão midiática. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 10., 2012, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2012. p.1-17. Disponível em: <https://bit.ly/3ABaRFT>. Acesso em: 28jun.2021.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria. Trajetórias teórico-conceituais da comunicação organizacional. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v.13, n.31, p.47-53, 2006. doi:<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2006.31.3392>.

SILVA, Haroldo Ramos da. Prefácio. *In: DIAS, José Luciano M.; QUAGLINO, Maria Ana. A questão do petróleo no Brasil: uma história da Petrobras*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1993. p.vii.

WORCMAN, Karen. Memória do futuro: um desafio. *In: NASSAR, Paulo (org.). Memória de empresas: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações*. São Paulo: Aberje, 2004. p.23-30.

Artigo recebido em 30.06.2021 e aprovado em 27.09.2021.